

**MAGSUL**



**FACULDADES MAGSUL**

**RUTINÉA MARIA DE SOUZA**

**ENSINO DE HISTORIA NO 5º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: CULTURAS DIFERENTES EM SALA DE AULA**

**PONTA PORÃ - MS  
2011**

RUTINÉIA MARIA DE SOUZA

ENSINO DE HISTORIA NO 5º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: CULTURAS DIFERENTES EM SALA DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado às Faculdades Magsul, como parte  
dos requisitos para obtenção do título de  
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Dda. Andréa Natália da Silva

PONTA PORÃ - MS  
2011

RUTINÉA MARIA DE SOUZA

ENSINO DE HISTORIA NO 5º ANO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: CULTURAS DIFERENTES EM SALA DE  
AULA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado às Faculdades Magsul, como parte  
dos requisitos para obtenção do título de  
Licenciatura em Pedagogia.

**Data de aprovação:** 08/ 12/ 2011

**Local:** Faculdades Magsul

**Banca Examinadora:**

---

**Orientador (a):** Prof<sup>a</sup>. Andréa Natália da Silva  
Mestre/Dda.

---

**Membro:** Prof<sup>a</sup>. Mirta Mabel Escovar Torraca  
Mestre

---

**Membro:** Prof<sup>a</sup>. Roseli Áurea Soares Sanches  
Mestre

## AGRADECIMENTO

Foram quatro longos anos. Muitos sorrisos, lágrimas, abraços, discussões, conversas, carinho, rejeição, reflexão. Muitas pessoas, que chegaram e ficaram tornando - se indispensáveis e especiais e muitas outras que chegaram e partiram, mas nem por isso menos importante. E em cada chegada e em cada partida conhecimentos e descobertas e como consequência sobraram muitos agradecimentos.

Primeiramente agradeço à Deus por ter me iluminado, me protegido quando me senti desprotegida, me guiado nos momentos em que me considerei perdida, me levantado quando eu caí, me consolado nas perdas e frustrações, por ter me mantido forte e saudável, por ter me dado sabedoria passar por todas as tempestades e vendavais e por ter colocados no meu caminho pessoas que carinhosamente e sem esperarem nada em troca caminharam junto comigo.

Quero agradecer à minha família, pais e irmão, por ter vivido todos esses 48 meses comigo. Principalmente à minha mãe Kathi e minha irmã Sheila pelos abraços, pelas orações, pela paciência, pela tolerância, pela compreensão, por dividir comigo as vitórias e as derrotas. E aos meus outros irmãos por confiarem e acreditarem em mim, pelas inúmeras caronas, pelo ombro amigo e por serem acima de tudo meus irmãos.

Agradeço também às minhas amigas e companheiras. Aquelas as quais já conhecia e as que maravilhosamente passaram a fazer parte da minha vida. Amigas estas que eu não preciso citar nomes, pois sabem que nossa amizade independe de tempo ou distância, tristeza ou alegria, festas ou brigas.

Um agradecimento especial a todos os professores que fizeram parte dessa minha História, personagens que fizeram com que minha narrativa fosse ainda mais especial, passando por todos os extremos, me fazendo superar limites e me fazendo reconhecer como parte importante de um cenário ainda maior.

Em especial, quero agradecer à minha professora (bruxa), orientadora (excepcional), amiga (sempre), psicóloga (com carinho), mulher (corajosa) e cidadã de caráter singular Dda. Andréa Natália da Silva, por tudo (e ela sabe que foi muito rrsrrsr). Não teria chegado até aqui e com muito orgulho sem o seu apoio, ajuda e atenção. Serei eternamente grata.

Dentre todas as pessoas que passaram pela minha vida esses últimos anos, gostaria de agradecer a três delas que me ajudaram muito e se tornaram mais do que especiais: Carlos Eduardo e Elaine Cristina por terem sido profissionais e amigos. Por terem confiado em mim

deixando aos meus cuidados uma pessoa, que tão pequena, me ensinou muito: Marianinha (que eu amo muito).

E também a todas as pessoas que direta ou indiretamente, por muito ou pouco tempo, fizeram parte dessa etapa tão importante pra mim.

Obrigada.

**SOUZA, Rutinéa Maria de.** Ensino de Historia no 5º ano do Ensino fundamental: culturas diferentes em sala de aula. 42 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdades Magsul, Ponta Porã, 2011.

## RESUMO

Este é o resultado de estudos e pesquisas realizados no Curso de Pedagogia nas Faculdades Magsul, no qual busco responder, com base nas disciplinas estudadas, a pergunta condutora, *‘Qual é o papel do pedagogo na região de fronteira frente a multiculturalidade reinante visando a melhoria da qualidade de vida e da educação’* o que levou – me a refletir sobre formação do pedagogo para trabalhar com Ensino de História e a compreensão das culturas diferentes em sala de aula. E assim pude construir o projeto de TCC que tem como tema norteador: *“Ensino de História no 5º ano do Ensino Fundamental: culturas diferentes em sala de aula.”* Os estudos das disciplinas do curso me possibilitaram compreender o objetivo dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula nas diversas disciplinas do componente curricular, me embasando me tornar uma pedagoga melhor, que possa contribuir para melhorar a qualidade de vida da região de fronteira através do trabalho pedagógico na educação. Nesse contexto procurei, enquanto acadêmica, saber sobre minhas origens, a partir de um olhar genealógico e antropológico, utilizando o referencial de Linton (2000). O Trabalho de Conclusão de Curso, resultou em 4 capítulos. No primeiro capítulo retrato o pedagogo desde seu surgimento até seu papel atual e sua formação na região de fronteira. No segundo capítulo busquei retratar o Ensino de História na Educação Básica desde sua inclusão no quadro de disciplinas curriculares até os dias atuais. No terceiro capítulo apresento um estudo de caso realizado numa escola Pública Municipal da periferia de Ponta Porã, com base teórica em Ludke e Andre (1986). Por fim, descrevo algumas considerações e reflexões que cheguei com os estudos durante meu processo de pesquisa no curso de pedagogia e no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão.

Palavras-chave: Ensino fundamental. História. Cultura. Pedagogia

## RESUMEN

Este es el resultado de estudios e investigaciones realizados en el Curso de Pedagogía en las Facultades Magsul, en el cual busco responder, con base en las disciplinas estudiadas, la pregunta conductora, 'Cuál es el papel del pedagogo en la región de frontera frente la

multiculturalidad reinante visando la mejoría de la calidad de vida y de la educación o que

llevó – me a reflejar sobre la formación del pedagogo para trabajar con Enseñanza de Historia y la comprensión de las culturas diferentes en sala de aula. Y así pude construir el proyecto de TCC que tiene como tema norteador: "Enseñanza de Historia en el 5º año de la Enseñanza Fundamental: culturas diferentes en sala de aula. Los estudios de las disciplinas del curso me posibilitaron comprender el objetivo de los contenidos a ser trabajados en sala de aula en las diversas disciplinas del componente curricular, me empujando a hacerme un pedagogo mejor, que pueda contribuir para mejorar la calidad de vida de la región de frontera a través del trabajo pedagógico en la educación. En ese contexto busqué, mientras académica, saber sobre mis orígenes, a partir de un mirar genealógico y antropológico, utilizando el referencial de Linton (2000). El Trabajo de Conclusión de Curso, resultó en 4 capítulos. En el primer capítulo retrato al pedagogo desde su surgimiento hasta su papel actual y su formación en la región de frontera. En el segundo capítulo busqué retratar la Enseñanza de Historia en la Educación Básica desde su inclusión en el cuadro de disciplinas curriculares a los días actuales. En el tercer capítulo presento un estudio de caso realizado en una escuela pública en las afueras de Ponta Pora, en base a teóricos Ludke y Andre (1986). Por último, se describen algunas consideraciones y reflexiones que venía con mis estudios durante el proceso de investigación en curso de pedagogía y el desarrollo de la finalización del trabajo.

Palabras clave: Primaria. De la historia. La cultura. Pedagogía

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Árvore Genealógica. _____	12
Figura 2: Tela de Jean-Baptiste Debret: Indígena se preparando para uma festa. ____	30
Figura 3: Lideranças do Xingu lêem a revista ÍNDIO em evento _____	31
Figura 4: Linha divisória Brasil/Paraguai. _____	33
Figura 5: Monumento em homenagem à Ponta Porã. _____	34
Figura 6: Vista aérea da cidade de Ponta Porã, 2009 _____	34
Figura 7: Prédio antigo. _____	35

## **LISTA DE ABREVIACÕES**

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

RCEB – Referencial Curricular da Educação Básica

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 PEDAGOGI@ PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. ....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 2 O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....</b>	<b>26</b>
<b>2.1 O caminho percorrido pela disciplina de história na educação brasileira.....</b>	<b>27</b>
<b>2.2 Como trabalhar história numa região multicultural .....</b>	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO 3 HISTÓRIA E HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO FRONTEIRIÇA.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 Metodologia da pesquisa.....</b>	<b>33</b>
<b>3.2 História Ponta Porã.....</b>	<b>34</b>
<b>3.3 Ponta Porã.....</b>	<b>34</b>
<b>3.4 Multiculturalidade.....</b>	<b>37</b>
<b>3.5 Multiculturalidade e qualidade de vida.....</b>	<b>39</b>
<b>3.6 Estudo de caso.....</b>	<b>40</b>
<b>3.6.1 Entrevista .....</b>	<b>41</b>
<b>3.6.2 Interpretação dos dados: entrevistas e observações.....</b>	<b>42</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um resultado dos estudos e pesquisas realizados no Curso de Pedagogia nas Faculdades Magsul; a temática apresentada surgiu durante a construção do papel do pedagogo na região de fronteira frente a multiculturalidade reinante visando a melhoria da qualidade de vida e da educação que teve início no ano de 2008, ao ingressar nas Faculdades Magsul, e me deparei com um curso superior em licenciatura em Pedagogia, que tem em sua matriz curricular o objetivo de formar @ pedagog@<sup>1</sup> interdisciplinar e multicultural, por isso têm uma disciplina denominada projeto de pesquisa interdisciplinar (PPI), cuja finalidade é aglutinar os saberes e conhecimentos pertinentes à formação do pedagogo na região de fronteira.

Dessa maneira, busquei responder durante o curso, nos oito semestres, a pergunta condutora, que levou – me a refletir sobre formação d@ pedagog@ para trabalhar com Ensino de História e a compreensão das culturas diferentes.

Como a pergunta norteadora do curso é *‘Qual é o papel do pedagog@ na região de fronteira frente a multiculturalidade reinante visando a melhoria da qualidade de vida e da educação’*; pensei que isso seria possível com o Ensino de História e, assim foi que pude construir o projeto de TCC cuja pergunta norteadora que orientou durante a pesquisa foi “*Ensino de História no 5º ano do Ensino Fundamental: culturas diferentes em sala de aula.*”

Para respaldar essa pergunta foi necessário primeiramente que eu fosse em busca um autoconhecimento, um estudo sobre minhas origens, essa etapa foi realizada no primeiro semestre conforme referenciais teóricos de Ludke e André (1986) e Ivani Fazenda (2008, 1994). Mas, foi durante os semestres que encontrei algumas respostas para responder porque escolhi o curso de Pedagogia, e, quem é o pedagogo historicamente e profissionalmente; depois, como o educador deve trabalhar, levando em conta a diversidade cultural da região. Minhas respostas foram baseadas nos conhecimentos adquiridos com as disciplinas de Didática, Gestão, Legislação Escolar e História da Educação. Os estudos das disciplinas me possibilitaram compreender o objetivo dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula nas diversas disciplinas do componente curricular, para que eu me tornasse um pedagog@ melhor

---

<sup>1</sup> No texto utilizarei o/a @ para indicar gêneros, respaldando-me na tese de Azibei (2006) que explica o uso do símbolo “@” para indicação “simultânea dos gêneros femininos e masculinos. Ao invés de verter o gênero dos substantivos (e respectivos complementos nominais) no masculino, que seria o gramaticalmente correto, vimos utilizando propositalmente esta forma gráfica, para levantar a questão – política e cultural – do sexismo de nossa linguagem, que transforma o masculino no genérico, incluindo o feminino” (AZIBEIRO, 2006, p. 12)

ao longo de todo processo questionei como @ pedagog@ pode contribuir para melhorar a qualidade de vida da região de fronteira através de seu trabalho pedagógico na educação.

Foi assim que descobri que o curso de Pedagogia forma mais que educadores, ele forma cidadãos capazes de refletir, transformar e construir uma vida, uma sociedade melhor. Foi também através das disciplinas do curso, que me interessei por assuntos e que ainda não havia se quer pensado como, origem, história, educação, cidade e outros. Descobri que @ pedagog@ já não é o profissional que atua dentro da sala de aula, mas que atualmente el@ se encontra em vários setores das instituições de ensino, nas áreas sociais e também nos departamentos sociais, como na área de Recursos Humanos (RH) em empresas.

Dessa maneira @ pedagog@ começou a ser visto por perspectivas diferentes, como um profissional da educação e não somente como mediador de conhecimento, o que me fez pensar como deveria ser sua formação para trabalhar com História nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Pois, no início do curso, no 1º semestre, realizei um autoconhecimento. E, partindo desse pressuposto, de que, para compreender o outro é necessário se autoconhecer o pedagogo precisa conhecer a sua história, a história de sua cidade, estado e de seu país.

Nesse contexto eu procurei, enquanto acadêmica, saber sobre minhas origens, a partir de um olhar genealógico e antropológico, utilizando o referencial de Linton (2000). Seguindo esse olhar, minhas origens, começou a fazer história quando eu nasci em Ponta Porã, região fronteira com Pedro Juan Caballero, Paraguai, em dezembro de 1983, e nunca me interessei pela minha origem, pois, nunca tive incentivo para isso. Já na faculdade precisei pesquisar para construir o meu eu antropológico. Foi através pesquisa de documentos e conversas com meus pais que ela descobriu um pouco da origem da sua família e conseqüentemente a minha. Com essas informações consegui elaborar minha árvore genealógica.

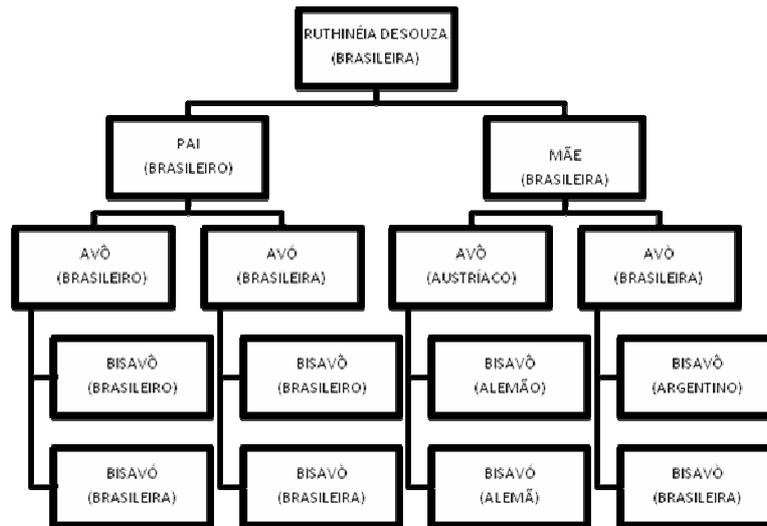


Figura 1- Árvore Genealógica.  
Fonte: Windows Vista

Essa foi árvore construída por mim e retrata a multiculturalidade de minha família que é, quase toda é brasileira, com exceção do meu avô materno que era austríaco, bisavós alemães e argentino. Meu pai nasceu na cidade de Barro, CE, e minha mãe em Corumbá, MS.

Mas, apesar dessas diferenças culturais, meus pais tiveram uma educação semelhante, com características rígidas, porém, não repetiram isso com os filhos. Eles foram mais flexíveis e passaram (muito bem) o essencial do que aprenderam. Como na época de meus pais, estudar era muito complicado, por morarem em fazendas e as escolas por serem distantes, eles sempre priorizaram mais a educação escolar dos filhos.

Eu ingressei na escola com sete (7) anos de idade e cursei o ensino regular, sempre em escola Pública, tive uma educação basicamente tradicional. Na escola os professores eram autoritários, mas, não havia castigo. Os professores falavam e os alunos ouviam, nós participávamos muito pouco das aulas, não havia estudos de temas alternativos (violência, preconceito, homossexualismo), somente o conteúdo dos livros didáticos.

Não reclamo do ensino público, pois, aprendi o essencial para ingressar na faculdade, contudo, como todo ensino público, tem suas (muitas) deficiências. Mas, devemos destacar que ele melhorou muito, porém, ainda há muito por fazer. Entretanto, só compreendi isso após estudar História da Educação Brasileira e entender como foi implantada a educação básica no país. Os problemas educacionais são crônicos e todo educador deve conhecê-los para que, como profissional, colabore para que sejam solucionados esses problemas.

A escolha pelo do curso de Pedagogia foi por acaso, pois ele era o mais próximo do que eu realmente gostaria de cursar. Ao iniciar o curso pensei que estivesse simplesmente buscando formação para ser professora, não imaginei que ele me ajudaria a tornar-me uma pessoa melhor. Que poderia me ajudar a entender os mais diversos tipos de comportamento e também que ao me formar Pedagoga possa ajudar na melhoria da qualidade de vida dos alunos através da Educação, ajudando-os a descobrirem e explorarem sua identidade, a sociedade, o mundo e o planeta em que vivem.

Surgiu assim o Trabalho de Conclusão, que resultou em 4 capítulos na construção da resposta quanto à pergunta condutora inicial do trabalho, que insurgiu no 5º semestre e foi se delineando até o 8º semestre.

No primeiro capítulo retrato @ pedagog@ desde seu surgimento até seu papel atual e sua formação na região de fronteira, através de várias referencias de Fazenda (2008) e Aranha (1996) ressaltando também sua importância no contexto educacional.

No segundo capítulo busquei retratar o Ensino de História na Educação Básica desde sua inclusão no quadro de disciplinas curriculares ate os dias atuais, com base em Borralho (2010, s/p) e Ghiraldelli (2006, p. 169). No terceiro capítulo apresento um estudo de caso realizado numa escola Pública Municipal da periferia de Ponta Porã, com base teórica em Lüdke e André (1986), pois utilizei a abordagem da pesquisa qualitativa, cujos instrumentos de coleta foram a observação e as entrevistas.

Por fim, descrevo algumas considerações e reflexões que cheguei com os estudos durante meu processo de pesquisa no curso de pedagogia e no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão do Curso.

Ainda, apresento as referências os apêndices e os anexos para a compreensão e entendimento do estudo realizado como monografia de conclusão de curso.

A pesquisa de campo teve algumas mudanças durante sua realização, pois ela se iniciou no mês de julho do ano de 2010, em uma determinada escola da rede Municipal da cidade, porém, quando faltavam apenas as entrevistas a serem realizadas, não obtive mais a autorização para continuar a pesquisa. Dessa maneira, foi necessário que eu recomeçasse a mesma em outra escola, por esse motivo algumas idéias anteriores tiveram de ser reestruturadas e ressignificadas para que a pesquisa não perdesse seu objetivo principal que é saber como o Pedagog@ pode trabalhar o “*Ensino de História no 5º ano do Ensino Fundamental: culturas diferentes em sala de aula*”, o que acredito ter respondido nesse trabalho.

## **CAPÍTULO 1 PEDAGOGIA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Nesse capítulo retrato o pedagogo desde seu surgimento até seu papel atual e sua formação na região de fronteira, através de várias referências de Fazenda (2008) e Aranha (1996) ressaltando também sua importância no contexto educacional.

Em todos esses 2000 anos, seja como mandarim, o pedagogo, mestre, ludimagister, preceptor, professor, educador, docente, orientador e ou mediador ele tem sido mais que um transmissor de conhecimento. Assumiu várias características tais como filósofo, orientador e pesquisador.

Sendo assim não é correto “rotular” um pedagogo simplesmente de professor, pois, sua formação vai muito além do papel do professor.

Libâneo (2000), afirma que o pedagogo deve ser:

[...] um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos, para atender demandas sócio educativos de tipo formal e não-formal e informal, decorrentes de novas realidades – novas tecnologias, novos atores sociais, ampliação das formas de lazer, mudanças nos ritmos de vida, presença dos meios de comunicação e informação, mudanças profissionais, desenvolvimento sustentado, preservação ambiental [...] (LIBÂNEO<sup>2</sup>, 2000, p. 31).

Assim, Libâneo (2000) contribui para ampliar os conceitos que se têm sobre o pedagogo e sua função, frente às novas realidades sócio-educativas. Nesse trabalho, as questões relativas às práticas com o ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental, são tratadas de modo a trazer a teoria à realidade do aluno, para que o mesmo entenda como ela interfere em seu cotidiano.

Vale destacar que segundo Aranha (1996), “[...] a palavra paida agogô, significa literalmente, aquele que conduz as crianças: (agogôs), que conduz [...]”. Esse termo surgiu na Grécia Antiga por volta do séc. V a C. e se refere à pessoa-mestre que acompanhava e instruía as crianças desde cedo no caminho do conhecimento. Inicialmente esse mestre era um escravo, pois, era seu status na sociedade, posteriormente, ele é reconhecido em sua função e torna-se também filósofo.

Aranha (1996) destaca ainda que “[...] os educadores buscam formar o homem racional, capaz de pensar corretamente e se expressar de forma convincente [...]”. Isso quer

---

6 - Mestre em Educação Escolar Brasileira, Doutor em Educação e autor de vários livros.

dizer que esse mestre não ensinava somente a ler e escrever, mas, principalmente fundamentos para ser cidadão.

Seguindo essa idéia, pedagogo, é mais do que a palavra leva a pensar, pois pressupõe ser também filósofo e de acordo com Gallo (2003, p. 15), o filósofo “[...] é aquele que busca desvendar o saber [...] aquele que [...] está sempre a procura de respostas e da constante superação dessas respostas, [...]”. E o que faz um pedagogo, se não desvendar os caminhos do conhecimento? Para que mais pesquisas, mais buscas por mais respostas? Por que, é dele o dever de transmitir conhecimentos.

Dessa forma se @ pedagog@ utilizar essa idéia apontada por Gallo (2003) el@ poderá ensinar a História a partir de várias perspectivas, as crianças do ensino fundamental. Pois, atualmente, ele tem função de educador@ – professor@, e todos como aluno e cidadão passarão por ele em uma instituição de ensino.

Na sociedade atual, o pedagogo é visto como exemplo, segundo Machado<sup>3</sup> (2007, s/p) ele é o representante escolar que fortalece os valores culturais, morais, éticos, econômicos, religioso, etc., que os alunos já trazem de casa como: respeito, caráter, honestidade, disciplina dentre outras. Nas palavras dele, “[...] os valores também são trabalhos indiretamente quando estamos no ambiente escolar. [...] somente podem ser repassados para os estudantes a partir do exemplo dado pelo professor e da organização das aulas”.

Ele é um profissional que trabalha com vários tipos de pessoa. Pois, uma sala de aula é diretamente uma comunidade com várias idéias, crenças e diferentes maneiras de pensar as mesmas coisas como: belo, bom, ruim, família, etc. e para isso ele precisa conhecimento para compreender o limite de cada um, para que eles também aprendam a se respeitar e valorizar a cultura e origem de todos.

Para que o pedagog@ seja um professor-educador de História é indispensável o conhecimento de outras culturas, o que exige dele conhecimentos antropológicos e também históricos, políticos e sociais, dessa maneira o comportamento interdisciplinar é necessário.

O comportamento humano passou por fases e adaptações para chegar ao que é hoje e acordo com Linton (2000, p. 76), “[...] Para compreender a cultura humana devem-se conhecer as fases pelas quais a humanidade se transformou [...] Desde os tempos das origens primitivas da cultura, todo desenvolvimento humano foi biológico e cultural [...]”.

---

<sup>3</sup> Disponível em: < <http://www.planetaeducacao.com.br/porta/artigo.asp?artigo=762> >. Acesso em: 20 abr de 2008.

Sendo assim, ele ressalta a importância de compreender a cultura humana e suas fases, a história pesquisando a comunidade em que se vive, sendo isso primordial para o pedagogo que vai trabalhar o ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental.

Para trabalhar dessa maneira sendo uma pessoa só, o pedagogo precisa também de uma formação acadêmica com conhecimentos sobre pesquisa, pois só através dessa formação ele poderá saber como foi, como é e como poderá ser a educação em função da melhoria da qualidade de vida.

Assim pesquisar torna-se uma tarefa *sine quae non*, pois o instrumentalizara na busca de documentos, que posteriormente poderá ser usados para novas pesquisas. Por isso as informações devem ser guardadas e preservadas para futuramente se tornarem acervos e fontes de dados.

Segundo Fazenda (2008) o ato de pesquisa não é tarefa fácil, seja pela falta de material ou mesmo na preservação de documentos segundo livro rosa. Pois toda pesquisa exige dedicação e isso deve ser trabalhado ainda nos primeiros anos de educação escolar básica, papel do educador, para quando o aluno adentrar no curso universitário não tenha tantas dificuldades na escrita e pesquisa.

O pedagogo deve ser incentivador da leitura e também da escrita, pois isto é essencial na formação de qualquer pessoa seja para a vida cotidiana ou para a vida profissional.

Esse papel do educador de acordo com Libâneo (2000, p. 22), perpassa o ato de educar, para ele é necessário que este aprenda a relacionar teoria e prática. “[...] a partir de sua própria ação. É nesta produção específica da relação teoria prática que a pedagogia tem sua origem, se cria, se inventa e se renova [...]”. Exigindo assim, uma visão interdisciplinar, onde os conhecimentos adquiridos com a escrita, leitura e pesquisa oferecem um novo olhar sobre o mundo e sobre a própria educação.

O que possibilita discutir nesse trabalho a questão do ensino de História na Educação básica anos iniciais do e fundamental, pois à região de fronteira em que vivo e que muitos pedagogos vivem recebe, continuamente, uma grande quantidade de imigrantes, provenientes de diferentes países e estados brasileiros, evidenciando a multiculturalidade.

De acordo com Aranha (1996), “cada povo tem um processo de educação pelo qual transmite a cultura [...]” assim, para o pedagogo, trabalhar com esse “choque” de identidades culturais na fronteira se torna um desafio quando se vai trabalhar a história do município e do estado, currículo determinados pelo Parâmetros Curriculares Nacionais dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Assim para ensinar História é necessário mais que uma formação superior, onde Severino (1996) diz que, “[...] além da qualificação técnica – científica e da nova consciência social, é ainda, exigência da preparação dos professores uma profunda formação filosófica” , para então saber dialogar com as diversas histórias de seus alunos.

Gallo (1997) afirma que ser professor é também ser filósofo, isso justifica que para ensinar História o pedagogo encontrará as dificuldades que devem ser solucionadas através de estratégias, apontados como roda de conversa, jogos e muitas outras.

O pedagogo precisa estar disponível para todo e qualquer comportamento pré-concebido de seus alunos quanto a diversidade histórica, para assim estimular a convivência e o conhecimento uns dos outros e de suas origens.

Siqueira<sup>4</sup> (2003) explica que:

o “aprender a conviver” diz respeito, portanto, a habilidade pessoal, de permitir a aproximação e não o afastamento do “outro”, através do interesse da escuta, do dialogo [...] tendo sempre por base, que, o envolvimento com a diferença, tornou-se um pré-requisito, da vida democrática, na globalização pós-moderna (SIQUEIRA 2003, s/p ).

Vale lembrar que o educador também é um exemplo, enquanto pessoa, para o educando. Nesse caso o comportamento e o vocabulário de um professor de História são capazes de ensinar e estimular a reflexão de seus alunos ou de provocar desastres de efeitos irreversíveis em sua auto-estima. Trabalhar com várias culturas exige do professor a criação de estratégias de ensino que atendam as necessidades dos educando, que na região de fronteira, aparecem nos relacionamentos, na cultura, na religião, etc.

O pedagogo deve ensinar sem distinção, reconhecer e avaliar todos os saberes de acordo com as identidades sócios – cultural de cada um.

O educador deve compreender que a base de sua formação é a sociedade e que ela expressa os pensamentos do momento, isso quer dizer que, cabe a ele estar atento às mudanças e não ficar parado confiando somente no que aprendeu anos atrás quando as idéias eram outras. Na região de fronteira, devido à multiculturalidade presente, o educador deve estar em constante “reciclagem”.

Para trabalhar com essas diferenças socioculturais, tão presentes nas instituições de ensinos da fronteira, o professor de História precisa ser uma pessoa sociável e acessível. Se

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/multicultura.html>>. Acesso em jan de 2009.

interessar pela vida cultural dos alunos, para que possa, em sala de aula, integrá-los fazendo com que todos conheçam o modo de vida de cada um.

Porém como o pedagogo pode trabalhar numa região de fronteira os conteúdos das disciplinas dos componentes curriculares? As salas de aulas não podem mais continuar sendo um lugar para repassar de informações.

É necessário que o educador leve em conta que o aluno aprende mediante a prática cotidiana. Tomemos por exemplo as disciplinas de Ciências, Matemática, Artes, Literatura e Português.

O papel do professor de ciências é trabalhar com experimentos e pesquisas, levar seus alunos ao ato das pesquisas naturais, fazendo diversos experimentos no seu dia a dia. As ciências podem e devem ser baseadas em investigação desde os primeiros anos escolares.

Hamburger (2007) diz,

que é essencial que os alunos, futuros professores, e também futuros pesquisadores ou técnicos, aprendam eles mesmos a realizar experimentos e observações demonstrando experimental, em que o professor realiza e explica o experimento em classe, para os alunos observarem. Bem explorado, esse tipo de demonstração pode ser altamente instrutivo (HAMBURGER, 2007, p. 95).

Vale destacar que as ciências permitem que o pedagogo ainda trabalhe conteúdos sobre elementos naturais existentes na sua região, tais como plantas, animais e pessoas. Neste último caso, pode-se trabalhar questões como mistura de raças.

Na disciplina de Língua Portuguesa, o professor pode estar se utilizando de textos da disciplina de História tanto para leitura quanto para interpretação, pois o educador sabe o quanto é importante uma base bem constituída, no que se refere à leitura e a escrita e também fazendo uma relação interdisciplinar a partir da integração das disciplinas (FAZENDA, 2002, p. 31). Para isso, ele deve manter seu foco em fatos e objetos que façam sentido ao aluno.

O professor deve tornar os alunos atentos à presença de “coisas escritas” na vida cotidiana e fazê-lo perceber os vários usos sociais da escrita e da leitura faz parte do processo de letramento.

E na disciplina de História não é diferente. Em seu planejamento o professor deve explorar as diversas culturas encontradas na fronteira em seus mais variados temas (música, comida, dança, vestuário, etc.). Pois segundo Ferraz (1999, p.15), “[...] é preciso que utilizemos nossas propostas de tal modo que a arte esteja presente [...] e se mostre significativa na vida das crianças e jovens”.

O professor deve aproveitar toda variedade cultural existente para chamar a atenção dos alunos, mostrando que manifestações culturais são formas de demonstrações de arte.

Outro ponto a ser destacado, talvez o mais importante, são as exigências para o exercício de qualquer profissão atualmente, e aí se encontra os conteúdos matemáticos.

Segundo Oliveira (2008),

o lugar de destaque ocupado pela matemática nos currículos escolares do Ensino Fundamental e Médio, como agente de construção e desenvolvimento do raciocínio, possibilita pensar na disciplina de Educação Matemática ancorado numa concepção de educação, que contribua para a formação do profissional competente e do cidadão ativo, crítico e transformador (OLIVEIRA, 2008, p. 03).

Mas como planejar as aulas? Como escolher os conteúdos ao longo do ano letivo e adaptá-los ao cotidiano dos alunos? Como fazer os alunos refletirem sobre suas ações como cidadãos? Afinal a que crianças e jovens precisam saber? As respostas para essas perguntas, que deixa muitos educadores perdidos, são encontradas no currículo das instituições. Mas o que é e como o currículo pode ajudar o professor?

Em um linguajar simples, o currículo, seria o conjunto de disciplinas que o aluno deve percorrer ou um plano de estudos.

Araújo apud Coll (2008) diz que,

o currículo é um instrumento que deve levar em conta as diversas possibilidades de aprendizagem não só no que concerne à seleção de metas e conteúdos, mas também na maneira de planejar as atividades (ARAÚJO, 2008, p. 32).

É nele que se encontram as orientações que norteiam instituições e professores. Porém para que esse currículo seja eficaz, é preciso que sua construção tenha a participação de todos envolvidos no processo educativo.

De acordo com Silva (2003),

Uma das finalidades fundamentais de toda intervenção curricular é a de preparar os/as alunos/as para serem cidadãos/ãs ativos/as e críticos/as, membros solidários e democráticos de uma sociedade solidária e democrática. Uma meta desse tipo exige, por conseguinte, que a seleção dos conteúdos do currículo, os recursos e as experiências cotidianas de ensino e aprendizagem que caracterizam a vida nas salas de aula, as formas de avaliação e os modelos organizativos promovam a construção dos conhecimentos, destrezas, atitudes, normas e valores necessários para ser bom/boa cidadão/ã (SILVA, 2003, p. 159).

Em resumo deve-se levar em conta a formação de um cidadão reflexivo, voltando sua prática para os interesses e necessidades dos alunos.

Levando em conta que estamos em uma região de fronteira, o que a transforma em uma região multicultural, o currículo escolar deve buscar atingir as necessidades dos alunos dessa região, ou seja, o currículo precisa ser multicultural. Segundo Moreira (2011, p. 84) “as diferenças de raça, de gênero, classe social, linguagem, cultura, etc. têm sido justificativa para discriminações e que essas discussões não pode ser mais adiadas”.

Uma das preocupações do futuro pedagogo é que ele possa ajudar a melhorar a qualidade de vida na região de fronteira buscando base teórica nas disciplinas estudadas durante o semestre.

O educador precisa pensar o aluno em sua totalidade. Ele deve ver que a aula vista apenas como um momento de aquisição de conhecimentos, Maluf (2009, p. 11 - 12) afirma que “dessa forma o pedagogo poderia soltar a imaginação, estimular a capacidade, ser mais espontâneo, ter mais iniciativa, enfrentar desafios, modificar regras, ser mais confiante”.

Para isso o professor poderá usar como recurso as aulas com músicas para facilitar a compreensão do conteúdo, para complementar pesquisa, para estudos de civilizações, épocas ou grupos culturais e de acordo com Bittencourt (2008)

para uma reflexão que permita o aluno estabelecer relações entre música e indústria cultural ou entender essa produção como mercadoria inserida na lógica de consumo capitalista, é interessante situar o aluno diante de outras formas de “ouvir música”, remetê-lo a outros tempos (BITTENCOURT, 2008, p. 382).

Bittencourt ressalta ainda que:

para o ensino, tais produções são relevantes pelo conteúdo que apresentam e analisam, sendo importante que o professor conheça a história da música, se possível, especialmente a história da música no Brasil (BITTENCOURT, 2008, p. 381).

Entende-se então que a música é um ótimo artifício para apresentar um conteúdo sem deixá-lo cansativo. É um meio de fazer incentivar pesquisa e leitura de forma que realmente os interesse e o que é interessante é realmente aprendido. Esse tipo de atividade é uma grande aliada para se trabalhar a construção da identidade cultural e o autoconhecimento da criança através da ludicidade.

E, um modo de fazer com que as crianças aprendam de maneira espontânea sem pressioná-los são os projetos. Para isso a disciplina de Projeto em Educação estudou o que são como devem ser organizados e como estão sendo tratados os projetos nas escolas atualmente.

Outra maneira de trabalhar a disciplina de História é através dos projetos. Estes, hoje cumprem conteúdos da grade curricular, e se tornaram meras atividades de segundo plano, servindo apenas, como atividade auxiliadora na transmissão de informação e não solucionando problemas que é seu principal objetivo.

Segundo Chaves (2001),

Muito diferente seria a escola que se preocupasse com o desenvolvimento de competências e habilidades básicas do aluno através de projetos transdisciplinares centrados na resolução de problemas levantados pelos alunos – ou projetos centrados nos sonhos dos alunos, naquilo que eles têm desejo de aprender (CHAVES, 2011, s/p<sup>5</sup>).

Ainda segundo ele os projetos despertam a curiosidade do aluno o que faz com que em nenhum momento a aprendizagem seja dolorosa ou entediante.

Quanto ao papel do professor ele afirma que, por fim, o professor teria a função de inspirar o aluno (até mesmo pelo seu exemplo) e de ajudá-lo a vislumbrar novos horizontes.

Nesse caso o papel do educador na educação do seu aluno é auxiliá-lo a buscar as informações necessárias, acompanhar a elaboração e a execução de seu projeto.

Entretanto o ambiente escolar não é apenas para transmissão, assimilação e reflexão de conteúdos e informações. A disciplina de Geografia refletiu como o sistema escolar pode usá-la como instrumento de dominação ou de libertação do indivíduo.

De acordo com Vesentini (1998),

O sistema escolar moderno não surgiu por acaso e muito menos foi pensado e iniciado a partir de baixo, dos interesses dos dominados ou excluídos. Ele foi construído por cima, pelo Estado instrumentalizado pela burguesia que se tornava a classe hegemônica, seja na forma clássica do empresariado, seja na forma das burocracias de Estados centralizados. O sistema escolar, portanto, foi e ainda é funcional e até funcional e até estratégico para a reprodução da sociedade capitalista ou moderna. A importância da escola [...] é visível. Ela instrui novas gerações (ou até velhas, como nos dias atuais com a expansão da reciclagem das pessoas e profissões), adaptando-as ou assimilando-as às instituições, hábitos e valores da sociedade [...](VESENTINI, 1998, p. 16).

---

<sup>5</sup> Acesso em: < <http://4pilares.net/text-cont/chaves-projetos.htm#II. A Pedagogia de Projetos de Aprendizagem> >. Acesso em outubro de 2011.

Vesentini (1998) ainda diz que,

Mas escola não é apenas uma instituição indispensável para a reprodução do sistema. Ela é também um instrumento de libertação. Ela contribui – em maior ou menor escala, dependendo de suas especificidades – para aprimorar ou expandir a cidadania, para desenvolver o raciocínio, a criatividade, e o pensamento crítico das pessoas, sem os quais não se constrói qualquer projeto de libertação, individual ou coletivo (VESENTINI, 1998, p. 16).

Partindo dessa idéia, pode-se dizer que um dos papéis do pedagogo para melhorar a qualidade da educação é fazer com que a escola deixe de ser alienadora, não deixando que o aluno se adapte às mudanças da sociedade e continue escravo de um sistema dominador mas que seja uma instituição libertadora que forme indivíduos que compreenda o mundo em que vive de seus problemas ambientais aos econômico-culturais, considerando que essas competências poderá levá-lo a sua prática pedagógica libertadora no ensino de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Contudo na disciplina de Estatística, estudamos nas universidades públicas a evasão escolar também é muito alta.

Segundo RCB<sup>6</sup> (2010, p. 27)

[...] a falta de uma política para manter o aluno de baixa renda na universidade além da dificuldade de acompanhamento que esse jovem encontra, provocada pela deficiência no ensino básico, são alguns dos fatores que contribuem para que o crescimento da evasão.

Porém, as dificuldades não param por aí. Faltam informações sobre os cursos e existe a dificuldade de conciliar os horários do trabalho e da universidade.

Assim o que se percebe é que o problema não está ligado diretamente ao ensino superior. Mas que ele é o reflexo de uma educação básica deficiente.

Sendo assim, o papel do pedagogo visando melhorar a qualidade da educação e diminuir a evasão também no ensino superior é ajudar o aluno durante a educação básica. Incentivá-lo a ler, buscar informações e/ou fazer pesquisas sobre assuntos atuais ou que lhe interessem.

A partir disso ele terá uma base de leitura e escrita que irá ajudá-lo durante o ensino superior a acompanhar as disciplinas da grade curricular com menos dificuldades, evitando que este aluno desista e sobre vagas que poderiam estar sendo ocupadas por indivíduos que realmente identifiquem com o referido curso.

---

<sup>6</sup> O nome do autor do artigo não consta no periódico nem na página eletrônica do mesmo. Foi feito um pedido, por email, para que o nome fosse fornecido, porém, não houve resposta.

A disciplina, Educação como fator de Inclusão, explica que o pedagogo precisa, primeiramente, definir seus objetivos e ter em mente os caminhos que percorrerá para alcançá-los. É importante que ele se interesse pelo que acontece a sua volta, avaliando as mudanças, as alternativas e as possibilidades para que possa realizar seu trabalho. É necessário que ele esteja sempre atualizado, seja por meio de estudos ou pesquisas.

Para Alves (2003) “ele tem que ser responsável para garantir ao indivíduo o direito à educação, não se preocupando apenas na transmissão do conhecimento, mas também o afeto, o calor humano e oferecer uma escola e ensino de qualidade” (ALVES 2003, p. 59).

Confirmando que o educador deve ao aluno não somente o repasse de informação, mas também atenção a carinho.

Vale lembrar também que esse pedagogo, tem de estar consciente de sua insegurança em relação aos conteúdos que terá de trabalhar com seus alunos, nesse momento é importante que ele saiba escutar, observar e conhecê-los. Mas, como abordar alguns temas e conteúdos? Quais métodos usar? Jogos, músicas e brincadeiras podem ajudar? Quando e como usá-los. O pedagogo encontrara dificuldades nas várias modalidades de ensino, surge então à necessidade de aprender como trabalhar com idades diferentes. Essas e outras respostas são dadas pela disciplina de Didática.

Os alunos do ensino fundamental, apesar de entrarem, de certa forma, muito cedo na escola possuem seus próprios modos de compreender e interagir com o mundo. É isso que a disciplina de Fundamentos da Educação Fundamental explica: cabe ao educador proporcionar um ambiente que em que ele viva esses momentos de interação em toda sua plenitude. Explica também que as brincadeiras são experiências importantes não só nos primeiros anos da infância, mas durante toda a vida do ser humano, isso significa que é importante também nos anos fundamentais e nas etapas restantes de sua formação.

O educador precisa estar atento a isso também, pois é uma maneira de conhecer e, assim sendo, poder ajudar seus alunos adolescentes dentro e fora da escola.

Borba (2005) reforça dizendo:

Uma excelente forma de conhecimento é sobre as crianças e os adolescentes é observá-los brincando. Penetrar em seus jogos e brincadeiras contribui, por um outro lado, para colhermos informações importantes para a organização espaço-tempo escolares [...] Por outro lado, ajuda na criação de possibilidades de interação e diálogos com as crianças, uma vez que propicia a compreensão de suas lógicas e formas de pensar, sentir e fazer e de seus processos de constituição de suas identidades individuais e cultura de pares (BORBA, 2005, p.42).

Essa mistura de culturas em sala de aula exige “jogo de cintura” da parte do educador ao lidar com os alunos. Ele terá que buscar caminhos para ensiná-los, respeitando seus limites e suas diferenças. Para trabalhar essa multiculturalidade, o profess@r deve ter uma boa formação teórico-científica e técnico-prática e para isso El@ tem respaldo na Didática.

Candau (2002) se refere à ela como: “[...] um conjunto de conhecimentos técnicos sobre o ‘como fazer’ pedagógico[...]” (CANDAUI, 2002, p.13).

Lembrando que a Didática é uma herança de Comenius (1592-1670), podemos dizer ela tem por finalidade de indicar os conhecimentos teóricos e práticos para orientar a ação pedagógica na escola.

Ou seja, visa responder o “o que?”, “o por quê?” e o “como fazer?” do processo de ensino. O “como fazer” é a resposta mais importante para o professor, pois, os conteúdos serão os mesmos sempre. Porém o modo como o professor coloca esse conteúdo em sala de aula. Os métodos usados pelo professor é o que faz a diferença. O jeito com que ele expõe o conteúdo, a maneira que fala com os alunos, a existência ou não de diálogo em sala, tudo pode interferir na avaliação final.

Além de toda essa responsabilidade como educador, o pedagogo ainda pode ser um gestor (ou diretor) de uma instituição escolar. E para entender como uma instituição funciona como gerenciar recursos, como deve ser sua atuação com funcionários, pais e alunos ele tem como base as disciplinas de Gestão e Política Educacional. Uma escola funciona como uma empresa, onde ninguém trabalha sozinho, todos precisam um do outro.

No posto de gestor, o pedagogo não trabalha sozinho, ele tem a ajuda do diretor adjunto e para que seu trabalho dê resultados ele necessita da ajuda de todos os funcionários, dos professores ao porteiro. O gestor precisa ter um bom relacionamento com as pessoas que o cercam, pois, entre outras coisas ele deve cuidar do trabalho de um grupo de funcionários públicos. O gestor deve ter consciência de ser um líder, e que um bom líder ouve, compartilha e compreende os liderados. “O Programa Nacional Gestores da Educação Básica” (COGES, 2006. p 16<sup>7</sup>) lembra que espírito solidário, credibilidade, auto-avaliação, transparência e ter conhecimento técnico, pedagógico, administrativo-financeiro e legislativo são algumas das características que o gestor escolar. De acordo com o Decreto 10.521/SED de 23/10/2001 entre outras coisas o gestor deve:

---

<sup>7</sup> Disponível em:

<[http://www.unisite.ms.gov.br/unisite/sites/sed/geradorhtml/paginasgeradas/ead\\_3958/pdfs/manual\\_gestao\\_escolar.pdf](http://www.unisite.ms.gov.br/unisite/sites/sed/geradorhtml/paginasgeradas/ead_3958/pdfs/manual_gestao_escolar.pdf)>. Acesso em Junho de 2011.

- \*Representar a unidade escolar;
- \*Cumprir e fazer cumprir a legislação vigente e os convênios propostos no projeto pedagógico da instituição escolar;
- \*Coordenar as atividades pedagógicas, administrativas e financeiras.
- \* Conceder férias regulamentares aos funcionários da unidade escolar; (COGES, 2006. p 13<sup>8</sup>).

O ambiente escolar é uma comunidade, com pessoas e pensamentos diferentes. Todos de alguma maneira contribuem para o fortalecimento da instituição e cabe ao gestor equilibrar, tanto como profissional como ser humano, as intervenções de cada um visando o crescimento da comunidade escolar.

Após a construção e resignificação dos saberes para uma pedagogia que @ pedagog@ ao ensino de história nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o que nos cabe agora é buscar como foi e é o Ensino de História no Ensino Fundamental, a partir do contexto histórico e cultural, assunto do próximo capítulo.

---

<sup>8</sup> Disponível em:  
<[http://www.unisite.ms.gov.br/unisite/sites/sed/geradorhtml/paginasgeradas/ead\\_3958/pdfs/manual\\_gestao\\_escolar.pdf](http://www.unisite.ms.gov.br/unisite/sites/sed/geradorhtml/paginasgeradas/ead_3958/pdfs/manual_gestao_escolar.pdf)>. Acesso em: Junho de 2011.

## **CAPÍTULO 2 O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Nesse capítulo busco retratar o Ensino de História na Educação Básica desde sua inclusão no quadro de disciplinas curriculares até os dias atuais, com base em Borralho (2010, s/p) e Ghiraldelli (2006), para responder à pergunta condutora do TCC sobre “*Ensino de História no 5º ano do Ensino Fundamental: culturas diferentes em sala de aula*”.

O Ensino Fundamental, é segundo o artigo 21 da LDB 9394/96 uma das modalidades da educação básica no Brasil e, conforme Lei nº 10.172, de 9 janeiro de 2001, tem duração de nove anos. Consta também no Plano Nacional de Educação que essa modalidade é obrigatória para crianças com idade entre 06 e 14 anos.

De acordo com o artigo 22 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9394/96) o objetivo principal do ensino fundamental é, “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Esse objetivo busca alcançar a educação reflexiva pois, essa educação defendida por Paulo Freire tem como finalidade ajudar os indivíduos serem sujeitos de sua própria história.

O artigo 32 da Lei de Diretrizes e Bases (9394/96) descreve os objetivos básicos do Ensino Fundamental que são:

- I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidade e a formação de atitudes e valores;
- IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (BRASIL, 1996).

Observa-se então que o papel da escola e do educador em não somente repassar conteúdos com o objetivo único de formar bons alunos, mas também com intenção de formar cidadãos.

Consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) que, “deve ser evitada a abordagem simplista de encarar a educação escolar como o fator preponderante para as transformações sociais, mesmo reconhecendo-se sua importância na construção da democracia” (PCNs, 1998, p. 42), fazendo com que nesse contexto a escola tenha o papel

fundamental, já que na construção da cidadania, é nessa instituição, que a criança vai passar boa parte de sua vida.

## 2.1 O caminho percorrido pela disciplina de história na educação brasileira

A disciplina de História de, acordo com Borralho (2010), foi definida como disciplina baseada em métodos científicos, em 1837 pelo recém criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB que Abud (2004,p.30) afirma ser responsável por ‘construir a genealogia nacional, no sentido de dar uma identidade à nação brasileira’. A disciplina de História acadêmica e História disciplina escolar surgiram no cenário pós-independência brasileira.

Borralho (2010) apud Abud afirma que;

A trajetória da História disciplina escolar, no Brasil não foi tranqüila, tanto em relação à sua introdução na grade curricular da escola secundária, quanto à elaboração de seus programas [...] A História era o estudo das mudanças e, no final do século XIX, era um método científico e uma concepção de evolução: ela se desenvolveu o fortalecimento do Estado, conformação material da nação (BORRALHO,2010, s/p<sup>9</sup>).

Ainda de acordo com Borralho (2010), por ser um estudo de mudanças, com métodos e concepções, até 1940 o objetivo da disciplina foi inserir o de construção de identidade na sociedade. Em 1950 ela passa por mudanças por influência norte americana na economia brasileira. Já em 1960 a corrida pelos cursos profissionalizantes, gerada pela industrialização faz com a disciplina perca seu espaço na grade curricular. Abud (2004) confirma dizendo que:

A História e também a Geografia perderam um grande espaço na grade curricular, embora mantivessem como disciplinas autônomas na escola ginasial. A redução da carga horária foi fatal para seu ensino, pois o empobreceu fortemente. Das quatro séries do curso ginasial, somente três tinham aulas de História e Geografia. Isto porque outras disciplinas ‘mais úteis’ tinham sido incorporadas ao currículo e precisavam de espaço (BORRALHO, 2010, S/P).

Assim a História perdeu o espaço por ser entendida como “menos úteis,” as o modelo de História com fins profissionalizantes foi intenso durante o Regime Militar e aumentou na

---

<sup>9</sup>Disponível em < <http://www.webartigos.com/articles/31701/1/PENSANDO-A-HISTORIA-REGIONALLOCAL-O-ENSINO-DA-HISTORIA-DO-AMAPA-NO-COTIDIANO-DA-E-E-PROFa-MARIA-CARMELITA-DO-CARMO/pagina1.html>> Acesso em 20 de ago de 2011.

década seguinte o que segundo Borralho (2010) culminou com o retrocesso das disciplinas de Geografia e História. Esta última, inclusive, era vista como inimigo em potencial do regime por ser entendida como ferramenta para as mudanças sociais.

Borralho ainda diz que:

diante da imposição dos Estudos Sociais e o retrocesso que esta decisão acarretou à disciplina História no campo curricular, os historiadores deste período reagiram se organizando em torno de associações como a ANPUH e AGB, reivindicando a volta das duas disciplinas aos currículos escolares (BORRALHO<sup>10</sup>,2010, s/p).

A década de 1980 é marcada pelas discussões sobre democracia e direito e é coroada pela Constituição Brasileira em 1988. Sobre esta Ghiraldelli (2006) afirma:

A Constituição de 1988, fruto de uma década em vias de redemocratização, mostra a educação como um direito social, junto da saúde, do trabalho, do lazer, da segurança, sendo dever da família, da sociedade e do próprio Estado (GHIRALDELLI, 2006, p. 169).

O campo Educacional começa a passar por uma série de mudanças a partir de 1990 sob influencia da formação dos grandes blocos como o Mercosul e a Comunidade Européia. E nesse momento em meio à novas estruturações é lançado os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998) que são:

Um referencial de qualidade para a educação no ensino fundamental em todo o país [...] Configuram uma proposta flexível, a ser concretizada nas decisões regionais e locais sobre currículos [...] Não configuram, portanto, um modelo curricular homogêneo e impositivo, que se sobreporia a competência político- executiva dos Estados e Municípios, à diversidade sociocultural das diferentes regiões do País ou à autonomia de Professores e equipes pedagógicas (BRASIL, 1998, p. 13).

Os PCNs indicam a necessidade de respeitar as diferenças regionais, culturais e políticas buscando viabilizar o acesso aos conhecimento indispensáveis ao exercício da cidadania. E tem como alguns de seus objetivos:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si mesmo respeito; posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;

- Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente (PCNs, 1997, p. 07).

---

<sup>10</sup> Disponível em <http://www.webartigos.com>. Acesso em 20/08/2011.

Os PCNs também trazem propostas para a História Regional e Local para ensino fundamental, cujo objetivo é dar ao aluno uma melhor compreensão de sua realidade, e fazendo-o relacioná-la com outras realidades históricas .

Assim a disciplina de História tem o objetivo de formar cidadãos com participação social e política, com postura crítica diante das transformações do meio em que se encontra e sendo capaz de realizar escolhas.

Todo ser humano é uma história, toda sua evolução é estudada pela sua história. Os avanços, os fracassos, as descobertas, as lutas, guerras, culturas, ideologias, etc. Tudo o que se conhece possui uma história. Porém, nesse contexto o que vem a ser História? Para que estudá-la?

De acordo com Ferreira, História é “um conjunto de conhecimentos, adquiridos através da tradição e/ou mediante documentos, acerca da evolução do passado da humanidade” (FERREIRA,1992).

É através da História que o aluno conhece e aprende sobre a evolução humana e posteriormente a si mesmo. E entendendo isso é que ele passa a compreender a sociedade, o meio em que vive e também passa a se conhecer, ser crítico e reflexivo. Isso é confirmado pelo Referencial Curricular da Educação Básica (2001) que diz que o estudo da disciplina deve levar “cada um a tomar consciência de si próprio e do meio ambiente que o rodeia, e a desempenhar o papel social que lhe cabe enquanto trabalhador e cidadão”.

Conhecer e estudar história também ajuda o educando a conhecer, compreender e respeitar outras culturas. Ainda de acordo com o Referencial Curricular da Educação Básica de Mato Grosso do Sul (2001):

É necessário que o ensino de História esteja pautado numa perspectiva multiculturalista que apreenda as contribuições de todas as sociedades e culturas, superando as concepções individualistas, racistas, ainda dominante, contribuindo para formação de um cidadão “do mundo.” [...] que o educando ao estudar a História possa pensar o “outro” para entender a dialética da mudança e da permanência. [...] Mais do que entender o passado, estudar História é trabalhar a possibilidade da diferença, da tolerância, de debater a sociedade em que todos vivem (RCEB/MS,2001).

Assim, a disciplina deve estimular a formação de um indivíduo em sua totalidade, ciente do meio em que está inserido, de seus direitos e deveres, respeitando a identidade e individualidade existente em todas as sociedades, um cidadão consciente de sua responsabilidade com o mundo, e estará sempre ciente de seu papel sócio-histórico na cultura de seus espaços.

Além disso, ela deve permitir aos pedagog@s instrumentos para trabalhar com as diferenças multiculturais presentes nas salas de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois os alunos são de culturas, etnias e credos diferentes.

## 2.2 Como trabalhar história numa região multicultural

Para trabalhar História numa região multicultural, é preciso que @ pedagog@ recorra aos lugares históricos, às fotos antigas que as crianças possam ter de seus familiares, brinquedos antigos dos pais, músicas, imagens cronológicas, poesias, textos, filmes, tecnologia áudio-visual, etc.

Segundo Bittencourt (2008, p.355) os museus são lugares importantes para o estudo da História, pois, “despertam o interesse pelo viver de antigamente” e despertam curiosidade dependendo do modo como o aluno é estimulado a ‘olhar’ os objetos.

O mesmo acontece com as imagens, fotos e filmes. Bittencourt (2008, p.366) ressalta que, “rever fotos significa lembrar, rememorar ou mesmo “ver” um passado desconhecido”, o que leva a constituição de significados e reflexões na construção de identidades culturais, nacionais, e étnicas.



Figura 2: Tela de Jean – Baptiste Debret (1768- 1848): Indígena se preparando para uma festa  
Fonte: [www: wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Debret](http://www.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Debret)



Figura 3: Lideranças do Xingu lêem a revista ÍNDIO em evento promovido pelo ISA em São Paulo  
 Fonte: [www. revistaindio.wordpress.com](http://www.revistaindio.wordpress.com)

As imagens acima podem ser utilizadas pelo professor como fonte de reflexão sobre como a sociedade tem refletido sobre e com a comunidade indígena, pois o índio não é mais uma imagem folclórica com um homem nu, selvagem como é retratado nos livros de histórias, a desconstrução dessa das imagens folclóricas pode mudar assim, a história, os costumes, o modo de vida de índios e também não índios, fazendo com que o aluno conheça a história real e não uma história mítica ou lendária, onde o não índio pode se identificar e reconhecer sua ancestralidade com respeito e diálogo a diferenças culturais.

A música é outro recurso importante nas aulas de História, pois, é um meio de comunicação próximo da vivência discente. Bittencourt apud Napolitano (2008, p.378), diz que a música é “a intérprete de dilemas nacionais e veículos de utopias sociais; canta o futebol, o amor, a dor, um cantinho e o violão”, pode fazer com que a história seja um conhecimento interessante e estimulante, prazeroso e não algo cansativo e enjoado. Bem como filmes e as fotos, figurinos, e objetos pode ser fontes interessantes de se conhecer a própria história e de outros tantos povos e civilizações.

Essas alternativas de estudos e atividades disponíveis ao professor nem sempre foram vistas ou usadas como método de ensino, mas devem ser hoje a didática multicultural para uma educação intercultural.

Elas foram conhecidas a partir da chamada Nova História<sup>11</sup>, uma corrente trazida por Peter Burke<sup>12</sup> que, diferentemente da História tradicionalista que vê a História a partir de

<sup>11</sup> O surgimento da nova história é apontada por Peter Burke (2008), a partir da década de 1970, como um novo paradigma da historiografia, sugerindo uma ênfase em sentimentos, mentalidades e suposições, e não em uma idéia ou sistemas de pensamentos.

<sup>12</sup> Burke é considerado um especialista na Idade Moderna europeia e também em assuntos da atualidade, enfatizando a relevância de aspectos socioculturais nas suas análises.

documentos e busca mostrar os fatos como realmente aconteceram e não fazem nenhuma relação com outro tema como natureza, população e cultura, parte do princípio que “tudo tem um passado e que este pode ser reconstituído e relacionado ao restante”(BURKE, 1992, p.11) e reconhece que o homem conhece o mundo através de uma “estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra”(BURKE, 1992, p.15) e por isso segundo Birardi<sup>13</sup> (2001)

privilegia a documentação massiva e involuntária em relação aos documentos voluntários e oficiais. Nesse sentido, os documentos são arqueológicos, pictográficos, iconográficos, fotográficos, cinematográficos, numéricos, orais, enfim, de todo tipo. Todos os meios são tentados para vencer as lacunas e silêncios das fontes, mesmo, e não sem risco, os considerados como antiobjetivos. (BIRARDI, 2001, s/p)

Assim sendo, o pedagogo que trabalha história na região de fronteira tem à sua disposição todo acervo cultural gerado a partir da história da região como, por exemplo, suas músicas, comidas, vestuários, credos e que podem estar na arqueologia regional nos diversos museus espalhados pelo estado, nas pictografias, nas iconografias, nas fotografias, nos filmes, e porque não, nos relatos orais de muitas mulheres e homens que já vivenciaram diversas histórias antigas e, que podem contar as crianças e jovens, e assim, a história ser diferente para fazer novas histórias também diferentes.

Partindo dessas leituras diferentes na construção desse capítulo, adentro no capítulo três, objeto da pesquisa de campo com um estudo de caso, para saber como está sendo trabalhada a história, numa escola municipal, da região de fronteira, onde reina uma multiculturalidade fértil, para a escrita e o estudo da história.

---

<sup>13</sup> Disponível em [www.klepsidra.net/klepsidra7/annales.html](http://www.klepsidra.net/klepsidra7/annales.html). Acesso em Janeiro de 2012.

## CAPÍTULO 3 HISTÓRIA E HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO FRONTEIRIÇA

Nesse terceiro capítulo apresento os passos da pesquisa, o contexto multicultural de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, apresento um estudo de caso, realizada na escola Municipal Marcondes Fernandes, com observações, entrevistas e posterior análises das entrevistas e dados coletados.



Figura 4: Linha divisória Brasil/Paraguai  
Fonte: [www.flickr.com](http://www.flickr.com)

### 3.1 Metodologia da pesquisa

A metodologia de pesquisa foi realizada através da abordagem qualitativa, tem como foco descobrir “Como o ensino de História pode auxiliar na compreensão das diferenças na sala de aula”, para isso utilizei o referencial de Lüdke e André (1986), pois, descrevem como pesquisar educação.

O tema surgiu durante meus estágios quando vi o quanto é difícil para os alunos entender e muitas vezes respeitar uma cultura diferente, e também por discutir na disciplina de PPI o papel do pedagogo frente à multiculturalidade na região de fronteira.

Ao realizar as várias leituras sobre Identidade, Cultura, Educação e Ensino de História e também sobre nossa Fronteira, pensei que falar sobre esse tema seria relevante para a Faculdade e também para mim.

### 3.2 História Ponta Porã

Para ensinar História Regional na Educação Básica é preciso conhecer também a História da Fronteira seus hibridismos, seus povos, suas origens e suas culturas.



Figura 5: Monumento em homenagem à Ponta Porã.  
Fonte: acervo pessoal

### 3.3 Ponta Porã

Ponta Porã, fica a sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul e, está há uma distancia aproximada de 341 km de Campo Grande, capital do Estado. Faz divisa com a cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero, e tem hoje \*77.866<sup>14</sup> habitantes.



Figura 6: Vista aérea da cidade de Ponta Porã, 2009.  
Fonte: [www.skyscrapercity.com](http://www.skyscrapercity.com)

---

<sup>14</sup> Disponível em;

[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas\\_pdf/total\\_populacao\\_mato\\_grosso\\_do\\_sul\\_pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_mato_grosso_do_sul_pdf). Acesso em: 10 dez. 2011.

Em 1882, Thomaz Larangeira conseguiu permissão imperial para instalar-se na região e explorar a erva nativa. Ele contratava famílias inteiras, inclusive paraguaias, para trabalhar o que possibilitou a ocupação definitiva da região. Ponta Porã, já conhecida, passou a receber um maior número de famílias, vindas principalmente do Rio Grande do Sul. Com o sucesso da produção de erva-mate, a região se desenvolveu e nasceu a “Princesinha dos ervais” (QUINTAS, 2006).

Quintas (2006), conta que a Empresa de Thomaz de Laranjeiras cresceu chegando a ocupar toda a região sul do Estado, com isso Ponta Porã surge como rota para o escoamento da produção de erva-mate. Este produto, que também ficou conhecido como “ouro verde”, foi o responsável pela criação de várias áreas urbanas na fronteira do estado de Mato Grosso do Sul. De acordo com Quintas (2006, p. 21) “o forte do comércio local era com o Paraguai, porém também desenvolveu-se uma intensa rede de navegação nos principais afluentes do Paraná, que se seguia até Guaíra, chegando à foz do Rio da Prata”, isso contribui para a criação cultural da fronteira.

Em 1900, Ponta Porã ganhou seu primeiro juiz de paz, o Capitão João Antônio da Trindade. Então em 18/07/1912, o Governador do Estado de Mato Grosso, Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques cria oficialmente o município de Ponta Porã, no ano seguinte tem seu primeiro prefeito, o Sr. Ponciano de Matos Pereira. Oito anos depois, em 12 de outubro de 1920, o Município é elevado á categoria de cidade. Segundo Quintas (2006), no dia 13 de setembro de 1943, o então, Presidente da República, Getúlio Vargas aprova o Decreto-Lei nº 5.812, criando cinco territórios federais entre eles o Território de Ponta Porã (extinto posteriormente).



Figura 7: Prédio antigo

Fonte: [www.skyscrapercity.com](http://www.skyscrapercity.com)

Quintas (2006) comenta que:

O território Federal de Ponta Porã era uma área que se estendia entre as margens do Rio Paraguai e do Rio Paraná. Podemos comparar esta área a aproximadamente dois Estados do Rio de Janeiro. Estava localizada no Sul do Estado de Mato Grosso,[...] até a criação de Mato Grosso do Sul em 1977 (QUINTAS, 2006, p.27).

Ainda de acordo com Quintas (2006) o território de Ponta Porã era composto pelos atuais municípios de Dourados, Bela Vista, Porto Murtinho, Miranda, Maracajú e Nioaque.

O nome da cidade de Ponta Porã tem origem no espanhol e no guarani, e significa “ponta bonita”. A origem, guarani, do nome é justificável: essa região já pertenceu ao Paraguai e chamava-se Laguna Punta Porã, por estar às margens de um lago no Paraguai. Ao criar o município vizinho, os paraguaios deram-lhe o nome de Pedro Juan Cabalhero.

Segundo Torrecilha (2004), as disputas por terra marcaram a história da fronteira. Enquanto a sociedade brasileira debatia melhorias na educação, a região passava por seu maior conflito: a Guerra do Paraguai, que aconteceu no período de 1864 a 1870. Torrecilha (2004) apud Walmir Correa (1999) comenta conseqüências da guerra na região:

Pouca coisa restou na fronteira, que devastada pela guerra e por doenças como a varíola, lembrasse o período anterior ao conflito com o Paraguai. Os poucos núcleos urbanos estavam destruídos, desabitados e as propriedades rurais arruinadas (TORRECILHA, 2004, p. 62).

Por esse território não possuir limites definidos, mesmo com tratados anteriores, como o de Madrid (1750) e Santo Ildefonso (1777), a fronteira de Brasil e Paraguai, só foi definida em 1872 com o Tratado de Paz e Amizade Perpétua. Definida a fronteira, o Paraguai perdeu cerca de 40% de seu território.

No ano de 2000, o então, prefeito da cidade, Carlos Fróes, instituiu o dia 18 de julho como feriado municipal, pelo aniversário do município, porém a data só foi comemorada no ano seguinte com um desfile na Avenida Brasil.

### 3.4 Multiculturalidade

A cidade de Ponta Porã, por ser região fronteira, recebe uma grande quantidade de imigrantes de diferentes países e também brasileiros migrantes das várias regiões do país. Por isso é considerada uma região multicultural.

Mas o que é ser multicultural? O que é cultura? Segundo Cunha (2000) multi é:

elem. comp., do lat. mult – de multus “muito, numeroso, abundante”, que se documente em algum composto formado no próprio latim e em outros, introduzidos a partir do séc. XIX, na linguagem científica internacional. Registram-se, a seguir, os devados e compostos eruditos formados nas línguas modernas de culturas (CUNHA, 2000, p. 538).

Cultura é um termo polissêmico. Etimologicamente ela significa: “orig. ato, efeito ou modo de cultivar” “ext. civilização’ XVI. Do latim cultura. Na segunda acepção, o voc. vem do al. Kultur, através do fr. Culture. (CUNHA, 2000, p. 233).

Já para Ferreira (1992), cultura significa:

[...] Complexo de padrões de comportamentos, das crenças [...] valores espirituais e materiais, transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade; civilização [...] fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento desses valores [...] atividades e desenvolvimento intelectual (FERREIRA, 1992, p. 508).

Esses padrões, na concepção clássica que ouvimos de cultura, elas representam todas as manifestações mítica, religiosa, artística, científica, filosófica e de senso comum de um povo, classe social, grupos de idade, sindicatos, etc.

Cardoso (2000) afirma que a sociedade ainda tem uma visão estática sobre o que é cultura, sendo ela:

[...]um conjunto de características mais ou menos imutáveis atribuídas a grupos de pessoas, vincando o caráter totalizante das sociedades e seus aspectos integradores e funcionais. Assim vista, a cultura é um todo funcional homogeneizado, transmitido de modo semelhante de uma geração para a outra (CARDOSO, 2000, s/p<sup>15</sup>).

Mas isso já mudou e cultura tem uma definição bem mais abrangente, se referindo à capacidade que só os seres humanos têm de dar significados às ações que praticam à realidade natural e a construída que está a sua volta, aos comportamentos. Essa capacidade exercida em

<sup>15</sup> Disponível em <[www.webartigos.com](http://www.webartigos.com)> Acesso em agosto de 2011.

grupos dá significado próprio às coisas e ao mesmo tempo desenvolvem maneiras diferentes de vê-las. Cultura é algo que pode ser trocado, ou seja, pode-se aprender com o outro.

De acordo com Hall (2066) podemos dizer que o homem além de produzir cultura ele é também resultado dela, já que, influencia seu comportamento social fazendo com que modifique o meio em que vive.

Entretanto essa crescente mistura de identidades culturais aliada à globalização e aos também crescentes movimentos em razão dos direitos humanos aponta mudanças no conceito do que é cultura. Surgindo assim o termo multiculturalidade. Pode-se definir multiculturalidade como uma mistura de culturas.

Del Priore (2008) afirma que:

O termo “multiculturalismo” designa tanto um fato (sociedades são compostas de grupos culturalmente distintos) quanto de uma política (colocada em funcionamento em níveis diferentes) visando à coexistência pacífica entre grupos étnica e culturalmente diferentes (DEL PRIORE, 2009, s/p<sup>16</sup>).

Ou seja, multiculturalismo é um encontro de ações e comportamentos de diferentes grupos.

Uma sociedade multicultural luta contra a desigualdade racial e a “vontade de viver junto” permite que nela exista uma homogeneidade social. Priore (2009), afirma que é necessário “[...] uma educação intercultural [...] e também de uma democracia inclusiva.”

Porém, para um verdadeiro reconhecimento de direitos é necessária uma melhor distribuição de renda, ou seja, há a necessidade de que diminua as grandes diferenças entre ricos e pobres. Pois, “a partir disso se pode construir uma democracia intercultural e inclusiva e a escola com o ensino ‘dos diferentes’ pode provocar tal democratização, e o ensino de história ainda com os pequenos pode fazer a diferença.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://escolaargn.arteblog.com.br/.../DEBATES-MULTICULTURALISMO-/>>. Acesso em ago. de 2011.

### 3.5 Multiculturalidade e qualidade de vida

Trata-se de dois temas muito recentes e em ambos os casos suas definições ainda causam muitos questionamentos. Como já foi visto, multiculturalidade é um conjunto de identidades, ações e comportamento de diferentes grupos. Uma mistura de culturas convivendo em um mesmo território. Quanto à qualidade de vida é um tema que ainda não possui um conceito definido, mas que pode ser entendido como democracia intercultural.

Para Hilsdorf<sup>17</sup> (2008), “qualidade de vida é um conjunto de escolhas pertinentes a cada indivíduo e contempla as particularidades de cada indivíduo”.

De acordo com Mady (2010, s/p<sup>18</sup>)

Qualidade significa *propriedade inerente a um objeto ou ser* [...] Para discernir, os *valores de um indivíduo*, faz-se necessário analisar o meio cultural, onde está inserida, como: Religião;Relações Sociais; Estudo;enfim a sua Cultura, que a envolve e envolveu no passado (MADY,2010, s/p).

Numa conceituação recente adotada pela Organização Mundial da Saúde a qualidade de vida foi definida como:

[...] a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (OMS, 1995, p. 1405).

Partindo desses conceitos de qualidade de vida sob óticas diferentes, resume-se então em tudo o que o indivíduo precisa para garantir sua sobrevivência e assim, posteriormente, sua segurança, liberdade e seus direitos de transição e expressão.

Mas qual a relação de qualidade de vida e multiculturalidade? Como o pedagogo, que trabalha essa multiculturalidade, pode contribuir com essa qualidade de vida? A Lei de Diretrizes e Bases (9394/96) afirma em seu artigo 1º:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

<sup>17</sup> Disponível em: <[http://artigos.netsaber.com.br/artigos\\_de\\_carlos\\_hilsdorf](http://artigos.netsaber.com.br/artigos_de_carlos_hilsdorf)>. Acesso em 12 nov. 2010.

<sup>18</sup> Disponível em: <f <http://www.webartigos.com/artigos/qualidade-de-vida-analisada-sobre-varios-prismas/30673/>>. Acesso em: 12 nov. 2010

Sua criatividade, comportamentos, valores e conhecimento de mundo são pedagogicamente trabalhados nas disciplinas curriculares, como pó exemplo Artes e Educação Física. Já a disciplina de Geografia ajuda a “ler” e compreender a história e a trajetória do mundo e o ser humano, assim como as Línguas Estrangeiras que tem por objetivo proporcionar a inserção do individuo na era da globalização, aproximar culturas e repassar o conceito de Interdisciplinalidade e Transversalidade.

Sobre estes últimos os Parâmetros Curriculares Nacionais explica que

os dois temas se fundamentam na crítica de uma concepção de conhecimento que toma a realidade como um conjunto de dados estáveis, sujeitos a um ato de conhecer isento e distanciado. [...] Mas diferem uma da outra, uma vez que a interdisciplinaridade refere-se a uma abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento, enquanto a transversalidade diz respeito principalmente à dimensão da didática (PCN, 1998, p. 29-30).

Nota-se que o objetivo da educação é transpor os muros da escola, os conteúdos da matriz curricular e sair do “eu, aqui e agora” para refletir sobre o “outro, o mundo e o amanhã”. Desse modo, tem-se a total e clara visão, da responsabilidade do educador com a qualidade de vida do aluno. Todo conhecimento passado de forma direta ou indireta interfere em seu cotidiano e em suas ações e na sua identidade.

### **3.6 Estudo de caso**

Nesse item apresento a pesquisa realizada na Escola Municipal Marcondes Fernando Pereira, zona norte na periferia de Ponta Porã. A escola têm sua equipe administrativa formada por um diretor, um presidente de APM, um presidente de Conselho Escolar, três coordenadores e uma secretária.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (2011, p.34) da escola os objetivos da disciplina de História para o 5º ano do Ensino Fundamental são:

- Reconhecer relações sociais, reconhecer a exigência de diversas fontes históricas e necessidades de marcar a passagem no tempo e espaço e reconhecer a importância da participação das pessoas em movimentos populares, sociais, políticos e ambientais.
- Comparar acontecimentos no tempo, tendo como referência os conceitos de anterioridade, posterioridade e simultaneidade.
- Reconhecer algumas situações sociais, econômicas e culturais que se transformam em outros ou permanecem em seu espaço de convivência.
- Identificar documentos históricos.
- Identificar núcleos de povoamento.

- Identificar pontos turísticos.
- Compreender a formação de Mato Grosso do Sul.
- Compreender a importância dos movimentos migratórios em Mato Grosso do Sul.
- Compreender a linha do tempo como sua seqüência de fatos, suas causas e conseqüências.
- Compreender o processo político atual e os governos que antecederam a criação do Estado (PPP, 2011).

No Projeto Político Pedagógico (2011, p.36) a escola apresenta estudos com temas regionais nos 4 bimestres, tais como; formação do Estado de MS, linha do tempo história de MS, criação do Estado: aspectos administrativos; os três poderes. Em relação à cultura traz temas como; formação étnica do estado MS, movimentos migratórios; grupos indígenas e patrimônio cultural do Estado;

De acordo com a ementa o objetivo é despertar dentre outras habilidades a utilização de diferentes fontes de informações, comparações de acontecimento no tempo e compreender a formação do Estado a partir do desmembramento do MS.

### 3.6.1 Entrevista

Para que a pesquisa fosse realizada utilizou-se de entrevista e observações as quais aconteceram entre os dias 01 a 05 de Agosto e 22 a 25 de Agosto de 2011.

Pude observar que nos últimos dias, a escola, considerando as exigências da Secretaria de Educação, têm-se dedicado a orientar os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental a concentrar as atividades curriculares nos conteúdos considerados “mais importantes” como Língua Portuguesa e Matemática em virtude da avaliação exigida pelo MEC, a Prova Brasil<sup>19</sup>.

Todavia, vale destacar aqui que, em atividades de História é possível estudar conteúdos de Português e Matemática entre outros saberes, por isso há uma necessidade de um olhar interdisciplinar nos conteúdos, pois esses não são dicotomizados mas devem ser aglutinados para que os conhecimentos dos alunos sejam amplos. Assim explica a falta de dados na pesquisa para falar como a disciplina esta sendo trabalhada.

Entretanto, pude observar que são utilizados vários livros para ministrar as aulas. Dois são fornecidos pelo Estado – MS, dentre os quais: GRESSLER, Lori Alice. Geografia de

---

<sup>19</sup> A prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (Inep/MEC). Tem objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos. Fonte: <http://portal.mec.gov.br>.

Mato Grosso do Sul, 4º série – 1ª edição – São Paulo FTD. 2005. E ainda, VESSENTINI, Willian J.. Aprendendo sempre: história. 5º ano do ensino fundamental (4ª série) – SP: Ática, 2008.

Outros dois livros também usados em sala são confeccionados por um professor da cidade de Ponta Porã e cedido há alguns professores para complementação das aulas.

De acordo com professor de História da sala, e são trabalhadas 02 aulas semanalmente, e, que se utiliza de recursos como cartazes e a sala de informática. Os textos são trabalhados através de leituras individuais e coletivas e também através de debates. Para ele as maiores dificuldades de trabalhar o tema e a disciplina são as leituras extensas.

### 3.6.2 Interpretação dos dados: entrevistas e observações

A escola onde a pesquisa foi realizada é ótima, fui muito bem recebida e tive acesso a quase tudo que solicitei inclusive à pesquisa com o professor, que posteriormente não pode ser anexada ao trabalho por falta de autorização do mesmo.

Na teoria tudo o que observei está correto desde conteúdos até os objetivos, porém na prática não é assim. Durante as semanas de pesquisa não houve nenhuma aula de História, pois a atenção da escola estava voltada para a Prova Brasil sendo assim, todas as aulas eram de Português e Matemática. Mas, vale destacar aqui que, em atividades de História é possível estudar conteúdos de Português e Matemática entre outros saberes, por isso há uma necessidade de um olhar interdisciplinar nos conteúdos, para que os conhecimentos dos alunos sejam amplos.

Talvez a falta desse olhar interdisciplinar seja resultado de sua formação que ainda não via relações entre os conteúdos das disciplinas pedagógicas, e as diversas possibilidades apontadas por Bittencourt (2008).

Quanto à pesquisa considero que reforçou a idéia que o ensino de História, assim como a de História Regional, ainda são tratados como conteúdos didáticos que devem ser memorizados porque são extensos e cansativos. Isso mostra que todo acervo natural que a região dispõe e que apresenta uma multiculturalidade fértil a escrita e o estudo de uma nova educação em história não esta sendo utilizada, tal como as fotos, os filmes, as músicas, as poesias, o museu e muitos outras fontes disponíveis ao ensino interessante da história.

A metodologia ainda é tradicional o que dificulta atrair a atenção dos alunos os quais não são estimulados a perceberem que a disciplina tem grande relação com suas origens e de sua família, assim identificando sua identidade híbrida com o meio em que vive e que é

primordialmente pode fazer com que eles possam se reconhecer como cidadão e perceberem a importância histórica para a formação e transformação da sociedade em que vivem.

Por isso acredito que o papel do pedagogo é de suma importância para essa nova construção de significados quanto ao ensino de história da região de fronteira.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O educador@/pedagog@ do ensino fundamental, e em especial o professor de História devem trabalhar a construção da identidade cultural e o autoconhecimento apresentando o conceito e o porquê do estudo de História. Mas, para isso eles devem recorrer às metodologias mais significativas, pois na maioria das vezes a grande vilã das reclamações dos alunos na hora de estudar História é esse como está sendo ensinado esses conceitos e esses conteúdos.

Bittencourt ressalta que:

[...] aprender história não deve ser mais uma tortura medieval, pelo contrário deve ser uma ação prazerosa, onde devemos aprender a compreender melhor o mundo em que vivemos, para sermos capazes de entender e resolver as relações que rodeiam nosso cotidiano desde as mais simplistas até as mais complexas, almejando sempre uma vida mais justa e igualitária para todos (BITTENCOURT, 2008, p.132).

Atualmente, os sistemas educacionais seguem uma linha tradicionalista preocupada em repassar conteúdos enraizados na cultura da memorização, fazendo com que o estudo sobre o passado seja uma mera obrigação e não um instrumento de reflexão para compreensão do presente.

Ainda, segundo ela

Dessa forma compreende-se que o estudo da história deve ser vista como uma importante ferramenta de conscientização no qual o ser humano consiga construir-se como sujeito, pensante, ativo, e participativo capaz de lutar pela construção de um mundo mais fraterno para todos (BITTENCOURT, 2008, p.121).

E que não se deve entender o ensino de história como “apenas mais uma “matéria escolar”[...] que não exige dos alunos qualquer tipo de operação intelectual”(BITTENCOURT,2008, p. 198).

O professor precisa conhecer o cenário em que trabalha, para que possa assim, chegar o mais próximo possível da realidade de seus alunos. Entretanto, para conseguir bons resultados ele deverá adequar suas metodologias para os diferentes grupos e faixas etárias e estimulá-los a questionarem e refletirem e se tornarem conscientes da realidade em que vivem.

Ainda segundo Bittencourt (2008) atividades como visita a museus e utilização de imagens, filmes, músicas e fotografias são boas opções para estudos, pois despertam a curiosidade e o imaginário do aluno, incentiva questionamento e investigação, explora recordações, facilitam a comunicação e desperta interesse por assuntos pertinentes à sociedade, disponíveis aos professores que tenham a predisposição ao ato de ensinar e aprender história com seus alunos, numa região de múltiplas identidades e culturas tão diferentes, mas tão importantes para a história de cada um de nós que aqui vivemos e crescemos.

## REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia. Maria. **Conhecimento histórico e ensino de História:** a produção do conhecimento histórico escolar. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA (14:1958, São Paulo, SP) XIV Encontro Regional de História: práticas e representações. São Paulo: EDUSC, 2001.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ARBACHE, Ana Paula R. B. **A formação de Educadores de pessoas jovens e adultos numa perspectiva multicultural crítica.** Instituição: FUNREI, 2001.

ANDRÉ, Marli D. A de. Diferentes Tipos de Pesquisa Qualitativa. In: ANDRÉ, Marli D. A de (Org.). **Etnografia da Prática Escolar.** São Paulo: Papiro Editora 1995.

ALVES, Fátima. **Inclusão:** muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio. Rio de Janeiro, Editora WAK, 2003

ARAUJO, Paulo. O norte para a aprendizagem. **Revista Nova Escola:** nº 209. janeiro/fevereiro 2008.

BITENCOURT, Circe (org.). **Ensino de História:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005.

BIRARDI, Angela. O Positivismo, Os Annales e a Nova História, 2001. Disponível em <[www.klepsidra.net/klepsidra7/annales.html](http://www.klepsidra.net/klepsidra7/annales.html)>. Acesso em Jan de 2012.

BORRALHO, Márcia. **Pensando a história regional/local:** o ensino da história do amapá no cotidiano da e. e. profa. maria carmelita do Carmo, 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/31701/1/PENSANDO-A-HISTORIA-REGIONALLOCAL-O-ENSINO-DA-HISTORIA-DO-AMAPA-NO-COTIDIANO-DA-E-E-PROFa-MARIA-CARMELITA-DO-CARMO/pagina1.html>> Acesso em 20 de ago de 2011.

BORBA, Ângela M. **Culturas da Infância nos espaços-tempos do brincar:** um estudo com crianças de 4-6 anos em instituição pública de educação infantil. 2005. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Niterói, 2005.

BURKE, Peter (org.): **A Escrita da História**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei 9394/96, de 20 de Dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF:Senado,1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998. 174 p. 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Ensino de quinta a oitava séries. I. Título. CDU: 371.214. B823 – 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais** : terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998.

BRASIL, MATO GROSSO DO SUL. **Referencial Curricular da Educação Básica**.Secretaria de Estado de Educação.Campo Grande, 2001.

MATO GROSSO DO SUL. **Guia da Gestão Colegiada**. Coordenadoria de Gestão Escolar Superintendência de Políticas de Educação Campo Grande, MS: 2006. Disponível em: <[http://www.unisite.ms.gov.br/unisite/sites/sed/geradorhtml/paginasgeradas/ead\\_3958/pdfs/manual\\_gestao\\_escolar.pdf](http://www.unisite.ms.gov.br/unisite/sites/sed/geradorhtml/paginasgeradas/ead_3958/pdfs/manual_gestao_escolar.pdf)> Acesso em: agosto de 2011.

CANDAU, Vera Maria. **Rumo a uma nova Didática**. 14 ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2002.

CURY, Carlos Roberto Jamil: Conselheiro Relator. **Parecer CNE/CEB 11/2000** Relatório das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos.

CARDOSO Carlos Manuel Neves. **Cultura e multiculturalismo**. Disponível em: <[www.webartigos.com](http://www.webartigos.com)>. Acesso: em 03 ago. 2000.

C. EDUCACIONAL. **Mas, afinal, o que é Educação?** Disponível em: <[http://www.educacional.com.br/educacao\\_fisica/educadores/educadores13.asp](http://www.educacional.com.br/educacao_fisica/educadores/educadores13.asp)>. Acesso em: janeiro de 2010.

CHAVES, Eduardo O. C. a Pedagogia de Projetos de Aprendizagem. Disponível em : <<http://4pilares.net/text-cont/chaves-projetos.htm#II>. **A Pedagogia de Projetos de Aprendizagem** >. Acesso em: outubro de 2011.

CUNHA, Antonio Geraldo da. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. [et. al] – Rio de Janeiro: 2000

DEL PRIORE Mary. Multiculturalidade: integrando saberes. Disponível em: <[www.tve.com](http://www.tve.com).>\_Acesso em: agosto 2008.

FAZENDA, Ivani C. **Interdisciplinaridade**: Um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 2003

FAZENDA, Ivani C. **Metodologia da Pesquisa educacional**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FAZENDA, Ivani C. **Interdisciplinaridade**: Um projeto em parceria. 5 ed. Edições Loyola, São Paulo, 2002.

FAZENDA, Ivani C. **Interdisciplinaridade**: História, Teoria e Pesquisa. 15 ed. São Paulo : Papyrus Editora 2008.

FERREIRA, Araújo Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 22 ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1992.

FREIRE, João Portela. **Terra, Gente e fronteira**.. Ponta Porá: Ed.Borba, 1999.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Metodologia do ensino de arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GALLO, Silvio. Conhecimento, transversalidade e educação: para além da interdisciplinaridade. Impulso: **Revista de Ciências Sociais e Humanas**, Piracicaba, SP, v. 10, n. 21, 1997.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006.

HAMBURGER, E. W. . Apontamentos sobre o ensino de Ciências nas séries escolares iniciais. **Revista Estudos Avançados**, v. 21, p. 93-104 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HILSDORF, Carlos. **Prioridades e qualidade de vida**.

Disponível em: <[http://artigos.netsaber.com.br/artigos\\_de\\_carlos\\_hilsdorf](http://artigos.netsaber.com.br/artigos_de_carlos_hilsdorf)>. Acesso em 12 nov. 2010.

QUINTAS, José Manoel Richard. **Ponta Porã em foco: aspectos Históricos e Geográficos do Município de Ponta Porã**. 2. ed. Ponta Porã. Ed.Borba. 2006.

LINTON, Ralph. **O homem: uma introdução à antropologia**. São Paulo. Ed. Martins Fontes 2000.

LUDKE, Menga / ANDRÉ, Marli E. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, Cortez, 2005.

MADY, Laila Cristina. Qualidade De Vida Sobre Vários Prismas. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/qualidade-de-vida-analisada-sobre-varios-prismas/30673/>>. Acesso em: 12 nov. 2010

MACHADO, Lia. Limite e Redes, In: TORRECILHA, Maria Lucia. **A Fronteira, as cidades e a linha**. Campo Grande, Ed.Uniderp. 2004.

MACHADO, João Luís Almeida. **Ensinar valores: atribuição essencial da escola**. Fonte: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=762>>. Acesso em: 20 abr. 2008.

MACHADO, Cristina Gomes. **Multiculturalismo: muito além da riqueza e da diferença**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. **Currículo: Políticas e Práticas**. 4. Campinas, SP, Papirus, 2001.

OLIVEIRA, Antonio Roberto. Educação **Matemática para crianças, jovens e adultos: Licenciatura em Pedagogia**. Ponta Porã, MS: faculdades Magsul, 2008.

PRIORE, Mary Del. **Multiculturalismo**: integrando saberes de como viver junto. Disponível em: < <http://escolaargn.arteblog.com.br/.../DEBATES-MULTICULTURALISMO-/> >. Acesso em agosto de 2011.

RCB. Evasão também é alta nas públicas. **Revista Ensino Superior**. Ano 12, nº 142. Julho de 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígena na sala de aula**: Uma introdução aos estudos culturais em educação. 5 ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2003.

SIQUEIRA, Holgonsi Soares Gonçalves. **Multiculturalismo**: tolerância ou respeito pelo Outro?. Publicado no jornal “ A Razão” em 26/03/2006. Disponível em : < <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/multicultura.html> >. Acesso em janeiro de 2009.

TORRECILHA, Maria Lucia. **A Fronteira, as cidades e a Linha**. Campo Grande: Ed. UNIDERP,2004.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. SANTOS, Rafael dos. **Multiculturalismo**: mil e uma faces da escola. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A,2002.

## APÊNDICES

## APÊNDICES A

### ENTREVISTA

Entrevista ao professor de Historia dos anos iniciais do ensino fundamental.

- 1) Autoriza essa entrevista para o TCC ? Caso seja sim favor assinar após transcrições das respostas .
- 2) Qual sua formação? Onde estudou ? Quando terminou a graduação?
- 3) Seus alunos apresentam diferenças culturais e étnicas? E, de que forma trabalha o tema diferença com os alunos na disciplina de história?
- 4) Porque é importante estudar história?
- 5) Do que as crianças gostam na disciplina?E de que não gostam?
- 6) Para o senhor, qual a relação entre história e o multiculturalismo da fronteira?
- 7) A escola têm materiais para desenvolver estudos de história? Quais o senhor mais utiliza?
- 8) Quantas aulas semanais são destinadas para a disciplina de história?
- 9) Qual a dificuldade de estudar/e ensinar história? Porque?
- 10) Quais textos o senhor trabalha? Livros? Autores? Como são trabalhados os textos?
- 11) Muito obrigada pela atenção e colaboração.

**APÊNDICES B**